

Os fundamentos biológicos do educar e do educador social

Humberto Maturana, Ximena Dávila e
Ignacio Muñoz

Tradução: Beto Vianna

Nós, seres humanos, somos seres vivos, e dentre os seres vivos, somos primatas bípedes que existimos em um conviver de coordenações de coordenações de ações e emoções, em um *dar voltas juntos no conviver* que evocamos com a palavra “conversar”.

Tudo o que acontece conosco enquanto seres vivos acontece na realização de nosso viver como aspectos de nossa contínua produção de nós mesmos, na contínua realização de nosso viver como sistemas moleculares *autopoiéticos* (auto-produzidos). O que é peculiar ao viver humano é que ele ocorre e se realiza em um âmbito relacional humano, mesmo na solidão. Nós, seres humanos, somos parte central do âmbito relacional-operacional em que surge, se realiza e se conserva nosso viver humano como a realização do humano em redes de conversações. O humano ocorre como um viver biológico-cultural, não

como uma identidade genética, ainda que o fundamento biológico de seu ocorrer se sustente em uma identidade genética que o torna possível na “boa terra” do âmbito relacional, ou nicho humano amoroso. Por isso, o que é central no viver humano é o âmbito humano amoroso que sua realização e conservação requerem.

Somos nós, pessoas adultas, quem geramos as redes de conversações e damos forma às distintas culturas como redes fechadas de conversações desde onde surge o espaço relacional da *periferização*, ao orietarmo-nos para um viver que é primariamente competitivo, ambicioso e viciado na competência, no êxito, na luta e na violência que nos cegam para a natureza fundamental da biologia do amar, a todo momento, do viver humano. O doloroso é que nossas crianças e jovens vivam ou possam chegar a viver, em muitos casos, as distintas formas de periferização como um modo de viver natural: “a vida é assim”.

O fato de sermos seres amorosos toda a vida é o resultado da história evolutiva que definiu e constituiu nossa linhagem biológico-cultural humana como um modo básico relacional de conviver. Como seres humanos, somos seres biologicamente amorosos, curiosos, emocionais e capazes de aprender qualquer fluir de coordenaciones de ações e emoções nos distintos domínios operacionais-relacionais que surgem na dinâmica recursiva do conviver no conversar. Como seres biológico-culturais que existimos no conversar, geramos argumentos racionais para validar ou invalidar nossos desejos, gostos ou preferências. Ao mesmo tempo, somos seres adictivos, que nos apegamos a nossos prazeres em qualquer domínio das redes de conversações que vivemos, e geramos teorias políticas, científicas, filosóficas ou religiosas para justificar nossos apegos.

No entanto, às vezes não gostamos do que vivemos, não gostamos das conseqüências do que fazemos ou deixamos de fazer, não gostamos do que acontece com nossos filhos, ou não gostamos do viver da comunidade em que vivemos. Quando isso acontece, e nos comove o viver que vivemos pois o que vivemos nos dói, despertam em nós nossos sentires íntimos de seres humanos amorosos, capazes de enxergar quando paramos para observar, e refletimos.

A reflexão é um ato na emoção que ocorre no momento em que, movidos pela dor ou pela curiosidade, livramo-nos da certeza de que tudo está bem, e, dando um passo para o lado, observamos, permitindo surgir aquilo que vivemos, aceitando a legitimidade de seu ocorrer sem expectativas ou opiniões. Ao fazermos isso vemos surgir, surpresos, a matriz operacional-relacional que geramos e conservamos com nosso viver, e sem nos dar conta – na recursão emocional espontânea de nosso viver no conversar –, nos perguntamos se queremos viver o que vivemos, se gostamos do mundo de periferização de nossas crianças e jovens que geramos com nossos apegos à riqueza, ao poder e à onipotência.

Esse caminho nos leva ao desencanto e ao abandono do curso da geração harmoniosa da ecologia ética e social no cosmos humano – ou *antroposfera* – que geramos como habitantes da biosfera na geração e cultivo de teorias, ideologias, religiões ou concepções científico-tecnológicas que justificam o desamar, e que, através dele, destroem o caminho que leva espontaneamente a viver no amar e no respeito por si mesmo.

Nós, seres humanos, vivemos em redes de conversações: redes de coordenações recursivas de ações e emoções que geramos, realizamos e conservamos de maneira

consciente e inconsciente, vivendo-as como âmbitos psíquicos que definem, a cada momento, nosso agir e sentir. Quando em nosso viver cotidiano falamos de cultura, estamos nos referindo a este conviver em redes fechadas de conversações. Apesar de tanta dor e sofrimento que geramos em nosso conviver nas relações de dominação e submissão da cultura patriarcal-matriarcal, todos nós, seres humanos, queremos conviver no bem-estar, desejo que nem sempre declaramos, mas alimentamos secretamente desde nossos sentires mais íntimos em nosso viver biológico-cultural. Desejamos conviver no amar, e buscamos a dignidade de ser nós mesmos na co-criação com outros de um cosmos humano desejável a partir da colaboração e co-inspiração no respeito mútuo.

A maior dificuldade que experimentamos em nosso viver cotidiano para realizar este desejo íntimo encontra-se em nossa própria concepção – em nossa adaptação, realização e cultivo inconsciente em nosso viver biológico-cultural – da psique da cultura que os pais e outros adultos habitam, e que nos últimos dez mil anos ou mais tem sido principalmente a psique da dominação e da submissão.

A emoção que constitui o espaço de convivência no qual as pessoas que o compõe têm presença individual, são vistas e ouvidas e se realizam em sua integridade como tais no prazer do respeito por si mesmas e pelos outros, sempre dispostas a colaborar em um projeto comum sem medo de desaparecer ao fazê-lo, é o amar. É esse espaço de convivência que, na vida cotidiana, distinguimos como espaço social, que todos nós, seres humanos, queremos; e o desejamos não a partir da bondade espiritual ou de alguma teoria filosófica ou religiosa que o justifique, mas desde nossos fundamentos evolutivos

biológico-culturais, qualquer que seja o viver presente que vivamos. Mais ainda, junto com o desejo íntimo de estar presentes, de ser pessoas íntegras e não meramente parecê-lo, queremos nos encontrar em um mundo natural estético, acolhedor, cuidado não apenas para nós mesmos mas para todos, que seja a boa terra em que nosso viver faz sentido.

Mas temos outra dificuldade, ou uma nova tarefa, que não é menor que superar a tradição da dominação e submissão da cultura patriarcal-matriarcal que penetra todas as dimensões de nosso viver, e o nosso uso de teorias que justificam nossa dependência do prazer da riqueza e do poder político, teorias que por sua vez sustentam a dependência do prazer de ser servidos. Essa nova tarefa é responder a pergunta: Como fazer?

Todos nós, seres vivos, vivemos em nosso operar e na intimidade de nossos sentires sendo o centro do cosmos que surge com nosso viver. Mas só os seres humanos e outros seres que, como nós, existem no linguajar e, a partir dele, na consciência reflexiva de seu viver, nos damos conta disso e podemos escolher o curso que damos a nosso viver a partir dessa consciência reflexiva. O devir dos seres vivos enquanto a realização do viver não tem, em si mesmo, finalidade, e segue o curso de uma deriva que surge da conservação do viver, não do que é bom ou melhor para o futuro. O viver dos seres vivos ocorre em um presente cambiante contínuo, sem passado ou futuro. Somente nós, seres humanos, e outros seres que tal como nós vivem na consciência de seu viver por existir no linguajar, podemos imaginar um futuro e um passado e refletir sobre eles, de modo a transformar nosso presente, se o quisermos. Por isso a pergunta central é: Que viver queremos?

No momento histórico em que vivemos, a mudança de orientação que desejamos em nosso conviver não irá ocorrer espontaneamente. Requer o compromisso, a consciência de um ato intencional, requer que queiramos fazê-lo, requer uma mudança desde a reflexão que abra espaço para a ação desejada a partir da vontade de fazê-lo. Toda conduta humana surge em um âmbito emocional íntimo inconsciente que constitui o espaço operacional que especifica, a cada momento no sentir de uma pessoa em seu viver relacional, o que é possível e o que não é, o que é desejável e o que não é.

Mais ainda, todo ser humano aprende desde o seu nascimento, na companhia dos mais velhos com quem convive, a matriz emocional-operacional em que realiza seu viver como membro particular – participante ou periférico – da cultura da comunidade que o acolhe ou que o rejeita. Se um bebê, criança ou jovem cresce em um âmbito amoroso e terno que o acolhe e respeita como um membro legítimo da comunidade social em que vive, cresce como um ser social e ético capaz de colaborar e co-inspirar em um projeto comum sem temor de desaparecer ao fazê-lo. Como se poderia conseguir isso agora? Buscando que esse bebê, criança ou jovem, no curso de sua transformação em adulto, encontre-se com os mais velhos na rua, na escola e na universidade, de modo que estes o vejam e o escutem, sem mentir para ele ou trai-lo, pessoas que ele possa respeitar. Isso é o que as crianças e os jovens desejam, pessoas adultas que sejam, em seu conviver com eles, “educadores sociais”, seres cujo viver e conviver desejam, consciente ou inconscientemente, repetir.

Nosso olhar recursivamente sistêmico a partir do entendimento da biologia-cultural dá conta deste fenô-

meno que ocorre no presente, que se vive de forma dinâmica e de maneira consciente ou inconsciente, enquanto estamos vivos, em que a educação é uma transformação na convivência. Portanto, será a tarefa educativa própria, apenas, dos professores e das professoras? Dos pais e das mães? De comunicadores e comunicadoras?

Agora, alguém pode se perguntar: e o que acontece com a educação nessa transformação na convivência? Trata-se de que crianças e jovens cheguem a adultos de uma certa maneira. Se observarmos os animais, veremos que os adultos não o são apenas na sexualidade, mas quando deixam de ser dependentes de outros, em um sentido básico de sobrevivência. Sempre estão relacionados com outros, mas há um momento em que o animalzinho tem um manejo do mundo que o permite atuar com autonomia, e esse é o momento da adultez. Nosso verdadeiro problema desde a perspectiva da educação, é que isso vai acontecer de uma ou outra maneira. Pode ser que algumas crianças não o consigam e, nesse caso, diz-se que elas são adultos dependentes, mas o fato é que não são adultos, não têm autonomia, não decidem desde si, para o bem ou para o mal.

Trata-se de que as crianças e jovens vivam um espaço experiencial de transformação na convivência – que começa no útero –, de modo que esse espaço gere as possibilidades de autonomia na interação, de forma que chegue um momento em que sejam pessoas adultas. Um espaço de convivência onde ele ou ela se transforma em adulto, como um ser que respeita a si mesmo, que respeita os outros, e que pode colaborar, que é autônomo e que é responsável.

A educação é uma transformação na convivência. Crianças e jovens transformam-se com os

adultos com os quais convivem. Em termos do espaço psíquico, submergem nas conversações da vida das pessoas adultas. Então eles vão depender do que acontece na educação da psique da pessoa adulta. Se queremos a convivência democrática, teremos que conviver de uma maneira que implique essa psique e as crianças crescerão fazendo coisas, estabelecendo conversações e vivendo o emocional desse tipo de convivência.

O que nos ocorre é que quando estamos falando de educação, geralmente queremos preparar as crianças desde um ponto de vista técnico para operar no espaço do mercado, para operar no âmbito da busca do êxito. E isso, no nosso juízo, é alienante, por que é cego com respeito ao mundo humano no amar. É uma educação que nega a si mesma, que não vê as crianças e jovens como educandas e educandos. E não os vê assim pois tem a atenção voltada para o futuro, para o que as crianças devam ser no futuro. O central é que o trânsito para a vida adulta é o trânsito de uma vida dependente para uma vida autônoma. Ser autônomo significa que vai atuar desde si. Vai dizer sim ou não desde si e assumir as conseqüências. E isso é o essencial da educação, não as técnicas, não as práticas.

Nós vivemos uma confusão enorme de pensar que os temas da convivência, que os problemas humanos em geral, se resolvem com a tecnologia, com a ciência. Nem a ciência nem a tecnologia resolvem os problemas humanos: os problemas humanos são todos de relação. Pertencem à emoção. Os problemas tecnológicos e científicos são absolutamente simples. Têm a ver com habilidades de manipulação, seja para estudar algo ou para construir algo. Mas a convivência não é dessa natureza. A convivência tem a ver com as emoções, tem que ver

com o respeito, com o amar, com a possibilidade de escutar, de nos respeitarmos nas divergências. Tem a ver com fazer um mundo de convivência no qual seja agradável ou não o viver. A tarefa central da educação e da democracia é que esse trânsito para a vida adulta se dê na configuração de um mundo que seja agradável para crianças e jovens, no qual se possa colaborar e aprender qualquer coisa sem medo de desaparecer na colaboração ou vergonha por não saber algo.

Se crianças e jovens convivem com adultos amorosos, sérios e responsáveis, e estes desfrutam seu afazer, ou seja, amam aquilo que fazem, seja o que for, e o ensinam no respeito e atenção às dificuldades que em algum momento possam ter as crianças e jovens com quem convivem, essas crianças e jovens irão incorporar em seu viver, de maneira espontânea, o olhar matemático, o olhar biológico, o olhar da mecânica ou da gastronomia. Essas disciplinas ou ofícios serão, digamos, o instrumento de convivência através do qual esse educando irá se transformar em um adulto socialmente integrado com confiança em si mesmo, com capacidade de colaborar e aprender qualquer coisa sem perder sua consciência social, e, portanto, ética.

Nessas circunstâncias, quem é um educador social? Qualquer pessoa adulta que escolhe viver na psique de um criador de espaços de convivência nos quais as crianças e os jovens possam crescer desejando chegar a ser pessoas adultas autônomas, sérias, alegres e responsáveis, com consciência ética e social em um cosmos humano cambiante que eles geram como um âmbito desejável para viver e conviver dentro dele, no mútuo respeito desde o respeitar-se a si mesmo como seres primariamente amorosos.

E é possível isso? Sem dúvida é possível. De fato, todas as pessoas mais velhas, todos os adultos, irão viver assim se não estiverem enredados em teorias educacionais, filosóficas ou políticas que os negam no desejo consciente ou inconsciente de conservar um conviver em relações de autoridade e submissão, de competência, êxito e dependência do poder e do lucro. A mãe, o pai, o professor, os políticos, enfim, todos nós adultos desde o momento que em nosso viver nos transformamos em pessoas adultas, autônomas, reflexivas, que vivem e convivem desde o centro de si mesmas, configuramos com nosso viver o melhor espaço de boa terra para o crescimento das crianças e dos jovens.

Ao viver assim nos transformamos em um educador social, sem esforço, só no desejo de viver e conviver com as crianças e jovens em um espaço onde eles não são uma impertinência, onde todas as suas perguntas são legítimas, onde não se castiga o erro, e onde não se tem medo de desaparecer por que se pensa distinto e se pode refletir.

E então? Educadores sociais ou simplesmente pessoas adultas, amorosas, sérias e responsáveis?